



ESQUECIMENTO E OUTROS POEMAS

Reitor

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN

Maria da Penha Casado Alves

Helton Rubiano de Macedo

Bruno Francisco Xavier

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves

Judithe da Costa Leite Albuquerque

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fabício Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Tiago de Quadros Maia Carvalho

Reitor

José Arnóbio de Araújo Filho

Pró-reitor de Pesquisa e Inovação

Avelino Aldo de Lima Neto

Coordenador da Editora IFRN

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Conselho Editorial

Adriano Martinez Basso

Alexandre da Costa Pereira

Amilde Martins da Fonseca

Ana Judite de Oliveira Medeiros

Ana Lúcia Sarmento Henrique

Anna Cecília Chaves Gomes

Avelino Aldo de Lima Neto

Cinthia Beatrice da Silva Telles

Cláudia Battestein

Diogo Pereira Bezerra

Emanuel Neto Alves de Oliveira

Francinaide de Lima Silva Nascimento

Genildo Fonseca Pereira

José Everaldo Pereira

Julie Thomas

Leonardo Alcântara Alves

Luciana Maria de Araújo Rabelo

Marcus Vinícius de Faria Oliveira

Marcus Vinícius Duarte Sampaio

Maria Jalila Vieira de Figueirêdo Leite

Maria Kassimati Milanez

Maurício Sandro de Lima Mota

Miler Franco D Anjour

Paula Nunes Chaves

Paulo Augusto de Lima Filho

Raúl Humberto Velis Chávez

Renato Samuel Barbosa de Araújo

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Samuel de Carvalho Lima

Silvia Regina Pereira de Mendonca

Editoração

Helton Rubiano de Macedo (Editor)

Kamyla Álvares (Editora)

Isabelly Araújo (Colaboradora)

Revisão

Wildson Confessor (Coordenador)

Bruno Oliveira

Raylena Evelyn Nascimento

Design editorial

Rafael Campos (Coordenador)

Ilustrações originais

Marcelo Augusto

Projeto gráfico

Marcos Paulo do N. Pereira

Concurso Literário Américo de Oliveira Costa

ESQUECIMENTO E OUTROS POEMAS



Natal, RN | 2022



Publicação digital produzida pelas equipes da Editora da UFRN e da Editora IFRN, no âmbito da 3ª edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa. A seleção dos textos foi realizada por comissão julgadora específica, nos termos do Edital nº 01/2021-EDUFRN/EDIFRN.

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Esquecimento e outros poemas [recurso eletrônico] / [Alexandre Magnus A. de Albuquerque] ... [et al.]. - Dados eletrônicos (1 arquivo : 2,3 MB).- Natal : EDUFRN: Editora IFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://repositorio.ufrn.br>>.

<<https://memoria.ifrn.edu.br>>.

Título fornecido pelos criadores do recurso.

ISBN 978-65-86293-96-8

I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Albuquerque, Alexandre Magnus A. de.

CDD B869.91

RN/UF/BCZM

2022/38

CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Márcia Valéria Alves – CRB-15/509

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000, Lagoa Nova, Natal/RN, Brasil
Telefone: (84) 3342-2222 | E-mail: contato@editora.ufrn.br

Todos os direitos desta edição reservados à EDIFRN – Editora do IFRN
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal-RN, Brasil
Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

APRESENTAÇÃO

A terceira edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa, realizada em 2021, foi uma parceria entre a EDUFRN e a Editora IFRN. A ação visou a divulgação de talentos literários do Rio Grande do Norte, além do estímulo à leitura e à escrita. Estavam aptos a participar escritores norte-rio-grandenses, residentes em qualquer município do Rio Grande do Norte, bem como aqueles que moram no estado há, no mínimo, dez anos. Ao final das inscrições, foram classificados 206 poemas, 99 contos e 8 romances.

Para a seleção dos vencedores, foram constituídas comissões julgadoras, formadas por membros das duas instituições organizadoras. Na categoria poesia, os avaliadores foram Cássia de Fátima Matos dos Santos (IFRN), Henrique Eduardo de Sousa (UFRN) e Wagner Ramos Campos (IFRN). A comissão da categoria conto foi composta por Josimey Costa da Silva (UFRN), Magda Renata Marques Diniz (IFRN) e Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN). Por fim, os romances foram avaliados por Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN), José Luiz Ferreira (UFRN) e Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN). Após o valoroso trabalho dessas comissões, foram selecionados 40 poemas, 15 contos e um romance. Com isso, expressamos nosso profundo agradecimento aos avaliadores.

Após o trabalho de editoração dos textos originais, feito em conjunto entre IFRN e UFRN, três obras estão sendo lançadas: *De rastros e vidas e outros contos*, *Esquecimento e outros poemas* e *O cálice*. Esperamos que os leitores, ao desfrutarem dessas obras, experimentem a produção literária de autores do estado do Rio Grande do Norte, reconhecendo a qualidade e o espaço que essas produções possuem na cena da nossa literatura local e até mesmo nacional.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!

SUMÁRIO

Esquecimento	10
Um rio chamado tempo	11
O homem	12
Um mangue em mim	13
Águas de março	15
Nascenças	16
Cedo para o dossel	18
Fumo um cigarro invisível na janela	19
Dores não choram	22
O infinito	23
Flecha do tempo	24
Duelo: eu e você	25
Gaveta	28
Já foi	29
Cotidianamente	31
A seda do viver	32

Segredo	34
Caminho	35
Silêncio	36
Dobradura	37
Nacos de pão	38
Traição	40
Nostálgico	42
Sentir cores é para os fortes	43
Coleção de silêncios	44
Me dê	46
Prece	47
O eclipse	49
Percurso	51
Reminiscências	52
O homem do espelho	54
A mar eu sou	55
Expressão do exílio	56
Movedíssima	57
Sou sertão	58
Braço de mar	60

Sala de espera	61
Libertação	62
Mais do que palavras	63
Quando morrer, quero ficar	64
Sobre as autoras e os autores	66

Esquecimento

Rosângela Trajano

ratos comem sonhos
eu como vontades
vestida em noite negra
sou ouvidos ao tempo
tempo, tempo, tempo
esquecimento que passa
na ladeira um vento
leva a lata como brinquedo
tenho três séculos mortos
pelo ódio enriquecido
atrás de correntes, dores
eu não conheço flores

Um rio chamado tempo

Ruan P. Silva

Naveguei os oceanos escuros de noites vastas
Impelido por encontrar em ti tudo que nunca vira
Mas sabia de pronto que era você quem eu esperava.

Nos solavancos violentos das tortuosas madrugadas
Foi a força de tua mão quente que nunca me tocou
O que me conduziu entre adejos e adernações.

Um rio encontrando o mar com a maré mudando
As ondas lambendo as barras de saia do paraíso
E os medos se esparramando no esfacelar do vento.

Atracar metáforas, semânticas e sintaxes
É chegada a terra firme.
Hora de repousar a (c)alma.

O homem

Nair Matias Ferreira Moreira

Isolado, um corpo parado.
Homem, latas e gatos.
Tristezas de barba
E de extensos dias.
Ser anacrônico, escondido.
Roupas indiciais,
Vestígios de desassossego.
Os olhos brigavam com a gravidade,
Sem precisão, vagarosos.
Insistentes.

A noite era viva,
Muitos carros,
Alegre de um sábado de bares.
O homem, todavia, era chão sujo,
Engordurado,
Homem que não levantava,
Escondido,
Passeado de gatos.

Um mangue em mim

Rosângela Trajano

Desci os degraus da nuvem
Cheguei ao mangue no final da tarde
Onde o sol vem segurar mão de menino
Para brincar de sonhar com dragões
O meu mangue... nosso mangue
É gigante, mas humilde e chora em horas órfãs
Com as suas casinhas de caranguejos
Chama-marés agarraram as minhas pernas
Não se vá... não se vá... súplicas às incertezas de pernas longas
Sim, o mangue fala em mim e eu o escuto
Por vezes ele inventa de cantar
Para ninar meninos que correm atrás de comida
O mangue é uma vida que desabrocha
Em cortinas de lama nos meus olhos
Meio assustados de ausências humanas
Maldades são jogadas no seu corpo... corpo que me habita
A alma do mangue está a chorar de dores
Nela há plásticos de todos os tipos que viraram espinhos

Que furam o imaginário do mangue... esse mundo real
É dolorido por demais... eu sou mais ser mangue
Pintar a lama numa aquarela emotiva... Ah! O tocar lábios...
Pular siris e caranguejos no pingo que desenha um meio sol
Ser mais mangue do que humana quero eu
A outra hora eu passo à flor do mangue

Águas de março

Ruan P. Silva

Sons urbanos da noite
Em galope acelerado
Urdindo as emergências de vidas
Que não nos alcançam
Nessa suspensão etérea
Dos encontros esperados.

Chove lá fora,
Inundações dentro de mim
Minhas digitais inscrevendo-se no véu
Da Via Láctea melanina
De universos
Em simbiose.

Ocupo teu templo
Prostro-me diante do teu altar

Devoto-me a teu culto
Fiel aos teus rituais
Que não cabem nessa dimensão
De infinito.

A vida é o intervalo entre duas esperas.

Nascenças

Ruan P. Silva

Encontrei-me de ti.

Beleza de fazer fugir o nome das coisas

Olhos de convidar desejo

Corpo à flor da pele

Pronta a desafinar meu juízo

Surdas sibilâncias

O mundo inteiro fabulando-se

Em sonâmbulas sinfonias.

Publicando desejos em pacatos olhos

Suscitando distraídos afetos

Subornando meus intentos instintos

Me irrealizando aos apelos da razão

Meninices conduzindo às primitivas existências

Orfanado de suas selvagens carícias

Que se assenhoravam de mim

Com apropriada malícia.

Beleza como fogo:

Longe se via, perto se queimava

Teus amores suscitando tardias poesias
Quando o tempo passeava
Mansas lentidões
Ocupando-se de trançar lembranças
Na altercação dos dias
De um sossego que gostaria de habitar
Para distrair as pressas.

Nossos corpos como frutos
Na boca úmida do céu
Despenteados por chuvosos amores
Sonhando com tempos ainda invidiosos
Cartas enviadas às nossas vindouras vidas
Que balbuciam nascenças
Anunciando extensos sossegos
De prisioneiros a esfumaçar o medo
De não terem a si mesmos, um do outro:
Já não sou nada sem desejar você!

Quero nascer em ti.

Cedo para o dossel

Alexandre Magnus A. de Albuquerque

para Nelson e seu caderno

É cedo para o dossel.
Entre o aço e a doçura,
caminham sobre a cama
sobras de unhas e ranhuras.
Lá fora, arranha o céu
o açodamento das ruas.
Laranja o sol,
amarela o sinal,
anjos marejam e somem.
Sem santo e sem chapéu,
me ajunto ao tropel
e desço a ravina.
Nenhuma raiva,
nenhum projeto,
apenas um raio pronto
na cabeça zunindo
ser cedo para o dossel.

Fumo um cigarro invisível na janela

Mariana Segundo Medeiros

fumo um cigarro invisível na janela

a verdade é que
carrego a noite
entre os dedos
em vez de fumaça
o tempo se esvai

como a ventania doce
que passa pelos
cabelos das árvores
e que às vezes vem mais forte
e me bagunça

às vezes o cair da noite me bagunça

e eu não sei
que voz eu tenho
senão
só ter silêncio

e lá fora
as sirenes esvoaçam
as luzes acendem
e se apagam
e aqui
se apaga algo
para nascer

o cheiro bom que é
quando a noite cai
e me bagunça

e é como se os prédios
a parede amarela borrada de tempo
os carros lá longe
os gritos lá fora
o parapeito da janela
a nudez da minha sombra

a minha sombra
que num mundo imaginário
olha pros prédios de sombra
pro tempo de sobra

pra sobra entre tudo
aquilo que queria sair por aí
gritando
mas que na verdade é sussurro

é como se tudo isso
me cortasse com tão
demasiada euforia

que eu me esquecesse de todo o resto

Dores não choram

Rosângela Trajano

lua diante de Iansã
acalenta a noite negra
sem tocar chãos
solução preso no tempo
não há pedidos mais
dores não choram
noite negra virou pedra
suas lágrimas mortas
não disseram nada
antes de sangrarem
ódio que atravessa céus
fez em pedaços o sonho
fui heroína antes de nascer

O infinito

Francisco de Castro Pontes Vargas Netto

Entre a aurora que se esboça
e a noite que se derrama
há o olhar de alguma moça:

ergue o rosto para os galhos
e nota nas verdes ramas
deslizar, tranquilo, o orvalho.

Mas, cega, pouco entende
essa gota de harmonia:
o infinito é transparente –

e ainda não sabe que o via.

Flecha do tempo

Fernando Antonio Carneiro de Medeiros

Flecha do tempo cortando o ar
Quântico misterioso percurso
Nada me permite enxergar
Além de um velho discurso

De pretérito, presente, futuro
Renitência vazia do mesmo
Cálculo puído e obscuro
Para o meu caminhar a esmo

Se sobreviver às mentiras,
Recorrerei aos professores
Quando me vieres à mente

Cobrirei retrovisores,
Quebrarei todas as miras
Ocuparei a arquibancada do presente

Duelo: eu e você

Gliciane Azevedo

Eu:

A ruga ausência de filho

A vulva engelhada do tempo

A elasticidade adquirida em anos

A flexibilidade aniquilada pelo desuso

O amor traído no ato

O calor adquirido na raiva

O valor de corpo vendido

O sabor do amor não dado

.

A ruga de mãos estendidas

A vulva pedindo na cidade

A elasticidade encolhida no frio

A flexibilidade sobrevivendo

O amor passando fome

O calor da solidão

O valor em desuso

O sabor da vida humana

.

A ruga comprada

A vulva com desconto

A elasticidade na prateleira

A flexibilidade em falta no mercado

O amor fora da validade

O calor exposto na geladeira

O valor sem moeda

O sabor de conta no vermelho

.

A ruga macia

A vulva manifestada

A elasticidade severa

A flexibilidade tensa

O amor ríspido

O calor frio

O valor sórdido

O sabor covarde

Você:

A ruga...

A vulva...

A elasticidade...

A flexibilidade...

O amor ...

O calor ...

O valor ...

O sabor...

Gaveta

Mariana Segundo Medeiros

Desengavetei
um punhado de
meias
e poemas antigos
Que lá
de baixo
do mofo, diziam
você vivia mais
coração
naquela época
né?

Já foi

Maria da Conceição Custódio Valdivino

A parede branca pertence à casa ao lado.

Já foi quebrada,

Já foi rebocada,

Já foi refeita,

Já foi lisa,

Já foi pintada.

A parede branca nem sempre foi branca.

Já foi cinza,

Já foi verde,

Já foi rosa.

A parede branca nem sempre foi seca.

Já foi sol,

Já foi chuva,

Já foi poeira.

A parede branca já foi,

Mas ainda está.

A parede branca está com o lodo,

Com a terra,

Com a sombra,
Com a luz,
Com a escuridão,
Com a marca,
Com o rachão.
A parede branca está,
Mas já foi.

Cotidianamente

Marcos Antônio Campos

O
Homem
Que ora pro nobilis
Dia
Mês
E
Ano
C o t i d i a n a m e n t e
(Sub)metido em sua vontade
Ao desejo do partido/patrão
Transformando o poder de sua mente
Em colaboracionista
Tábula rasa, homem pacato
Pacato, acato, cato, ato
Acato, cato, ato
Cato, ato
Ato que o enterra
E a sua prole etária
De ator doado
A vala comum dos oprimidos.

A seda do viver

Kleitton Cassemiro

Cede ao corpo

Cede à cama

Cede ao fogo

Ser de chama

Cede ao jogo

Cede à lama...

Cede à sede de beber

Sede corpo

Sede calma

Sede água

Ser de karma

Ser de fogo

Seda a alma...

Seda a seda do viver

Sede mata

Sede clama

Sede rompe

Ser de rama

Cede o jogo

Se derrama...

Cede a sede de querer

Segredo

Francisco de Castro Pontes Vargas Netto

Vendi nossa fome à luz. E durante
muito tempo, o sol sangrou calado.

Mas já não sangra. A noite nos tateia:
roubamos mel do cosmos e sorrimos,

pois tudo o que é fugaz vive do eterno.

Caminho

Wagner Cortez

Encontro-me num desencontro
De estradas vazias
Apenas eu, habitante solitário
Caminho em busca, do que não sei.
Pegadas brandas
Quase imperceptíveis a olho nu
Extrema leveza
Um eu desconhecido
Diferente de mim
E assim nunca chego

Silêncio

Francisco de Castro Pontes Vargas Netto

Não sei.
Mas te percebo
quando chove
e a chuva passa
e sinto as gotas
ainda.

Dobradura

Juliana Dias

dobrou-se tanto [sobre si]
que os vincos deixados
já não se desfazem mais

continuam vergando-a
de volta a si
cavidade adentro

as margens se impulsionam, contorcem
retorcem
rumo ao centro

basta um ventinho

Nacos de pão

Jeanne Araújo

Revi os cativeiros e calabouços
em que jogaste os cães
e o pouco de amor que caía da mesa
tornou-se ínfimo
para uma fome tardia

Era tudo tão pouco
farelos, fracassos
e os cães de olhos amarelados
já não lambiam as feridas
nem latiam seus temores

Dessa forma não houve água
que lhes refrescasse a língua
essa chama atormentada
que recebemos como bem
mas que é abismo

Apesar do fosso e dos (des)afetos
os cães alimentaram os domingos

caminharam sobre carvões acesos
e fizeram dos nacos de pão
banquete para os desavisados.

Traição

Damião Gomes da Silva

Teus preceitos revelam
Conceitos mentais
Plenos de clínica e amor.

A ti confesso meus segredos
Revelo credos e medos
E tu os transformas
Na melhor terapia.

Mas o que se passa em meu coração
Traduz-se nos riscos de tua mão
Que, com tua letra médica,
Formula receitas
Para a noite e para o dia.

E, se teu conselho, afinal
Complementa e palia
Mas tua mão te trai
Escorrega das linhas

A ponto de comprometer
A minha posologia.

Pois tua grafia
Em termos de forma e traço
Desmerece a autoria
De modo que ela
Nesta pandemia
E enquanto sinal gráfico,
Chega a ser Pornografia!

Nostálgico

Wagner Cortez

Cheiro é o olhar que o oxigênio vê

Evocado em lembranças

Fragrâncias

Suor

Apalpo o aroma

Inspiro a visão

Olho-te com o cheiro.

Sentir cores é para os fortes

Lune Éden

Perdoa-me, vida,
por não sentir mais o roxo arrepio
e a verde esperança que uma vez me cobriu.

Faz-me, vida,
voltar a viver na azul calmaria,
no feliz amarelo que tanto queria.

De novo, vida,
sinto esta vermelha raiva
por só ter do rosa amor a falsária.

Diz-me, vida,
se irei ter o gentil laranja
e uma violeta maturidade que abranja.

Então, vida,
apenas tenho o tudo branco e o nada preto,
que compõem o cinza e o fazem completo.

Coleção de silêncios

Juliana Dias

não foi assim que eu te disse

mas-

calada!

quem você pensa que é

é que-

calada!

sabe que assim você ainda vai matá-los de desgosto

eu não-

calada!

você deveria se envergonhar

não é assim-

calada!

silêncio

silêncio

silêncio

engoliu tanto silêncio que

ex

plo

diu

...

shiu!

Me dê

Nelson Júnior

~l~a~ç~o~s~ e não n8s
p_o_n_t_e_s e não m|u|r|o|s
portas abertas e não prisões

Ar

L i V r E

AsAs e não pés.

Me dê liberdade.

apoio e não **PESO**

livros e não a.r-m=a*s

esperança e não descrença

e-----s-----p-----a-----ç-----o e não [sufoco]

/tempo/ e /não/horários/

Me dê cabimento.

Prece

Artur Rodrigues

Não importa se os corpos são cristãos ou ateus.

Amor é uma fonte para desejos são e também para os meus.

Um dia a gente cansa de escapar por um triz.

E se for para essa navalha cortar, que deixe logo cicatriz.

Cicatrizes são os olhos fundos das diferentes lágrimas,
[abraços únicos e mãos suadas.

Desejos das almas que querem ser amadas e não domadas.

E, quando chega, o amor é urgente.

Não é fortaleza paciente, mesmo quando espera, ele escorre
[quente pelo corpo da gente.

É um impulso de juventude atroz, que demanda um controle
[interno feroz.

Quem cede a todos os impulsos do amor terá nele suas
[venturas e também seu algoz.

Sentimentos exigem certa sapiência.

A ausência de sentimentos exige uma grande clemência.

Eu não desejo fazer dessas palavras uma leitura de rotina.

São versos de quem fala de amor, não de quem doutrina.

Entenda que, mesmo premente,

No amor ninguém merece perder controle de si e ser uma
[alma ausente.

Da alma que reza ao corpo suado que te apetece.

O amor não é pressa, o amor é prece.

O eclipse

Nair Matias Ferreira Moreira

Enquanto tive os braços dela para me levar,
Enquanto vi na minha casa o pé de carambola florescer,
Enquanto ela lá estava,
Havia lufa, feijão, riso,
E aparição não punha medo.

O destino se apresentou indulgente,
Meu pai quedou-se para enterro
E ela acompanhou o sol no final da tarde.

Sobreveio o eclipse
De que tanto falavam os anciãos.
Vi a roda descer a montanha
E não foi dado conhecer
Escrituração de sua circunferência.

Hoje, quando olho para trás,
Vejo que consegui muito de coisa nenhuma.
Minhas mãos em meu rosto

Computam a aspereza da mão do tempo
(Já paguei a previsão da cigana.)
E o frio, minha manta,
Aquece a dor que é o que mais tenho de humano.

Percurso

Hartemys Belo

Broto à vida e deslizo no chão
De sentir o sol e a chuva
Me conheço pela sensação
E ao lado, a Catanduva.

A lua sempre me orienta!

Encontro um obstáculo, a pedra
Em mim, efeitos colaterais
Penso em correr pelas laterais,
Mas cresço e passo sobre ela.

Jorro água sobre ti, Oceano!

Reminiscências

Nair Matias Ferreira Moreira

Havia reconhecido meu corpo naquele passeio,
Deixei de lado minha roupa
Num banco de praça.
De resto, impressões incertas sobre mim.

Senti desejo enorme de que o passado fosse diferente.
Uma vontade de ser menos insólita,
Um tanto introspectiva, sem tanta frivolidade,
Moderada,
Sem tanta inquietação ou ansiedade,
Com menos obrigações.
Não sou assim, nem mesmo à noite.

O céu da minha garagem é marrom
E o vestido do meu rosto é amarelo.
São muitos os rachões nos pés e
Muitos os cascalhos no coração.

Quanto aos cabelos, não pretendo mais fazer tranças,
Em que pese haver ainda tanta inspiração dentro de mim.

Por dentro, masmorras.
Por fora, tudo a que aspiro se esfarinha
E ninguém me segue
Quando me volto para trás.

Hoje caminho só
Pela calçada desnivelada,
Pela rua e pela praça,
Pelo vento e pela chuva,
Que me levam nua e sem deixar restos.

O homem do espelho

Eluard Vasconcelos

O olho no olho do espelho
reflete uma imensidão vazia
da eterna sinfonia desconexa.
O líquido transparente
entorpecido
com substâncias amorosas, babosas,
escorre pelo canto da
boca
no personagem do espelho.

Ele é caricato e angustiado.

Estou rindo dele!

A mar eu sou

Markelly Fonseca de Araújo

Eu sou o Mar.
O movimento das águas.
Mar amar.
A passagem do tempo é igual ao som das águas.
Melodia das ondas.
Eu sou o Mar.
Lutar viver
A dinâmica da vida é um instante do vento
A soar neste vai e vem da brisa do Mar
Eu sou o Mar
Frenesi sonoro, finito instante
Eternidade do fluir
O mar é como amar
Mistério profundo
Armadilhas, turbilhão e mansidão
Amar é como o mar
Deserto infinito, imensidão
Vasto horizonte da plenitude
Eternidade do amor
Amar sou, o Mar que vive em mim.

Expressão do exílio

Hartemys Belo

Na minha Terra tem jurema,
Onde canta o Carcará.
E preocupado com a rima,
Urubu é o que canta lá.

Os Pés que aqui pisam.
Brincam, chegando lá.
As Mãos, flutuantes e leves,
Não se comportam como lá.

Na minha Terra tem um Corpo,
Que dança sem parar.
Em passos curtos e seguros,
Entrando, no escuro, está.

Na minha terra não tem jurema,
Não tem carcará, nem sabiá.
O corpo, que antes dançava,
Aqui, parado, está.

Movedíssima

Alexandre Magnus A. de Albuquerque

Do modo que a vida corre, amigo,
tudo vai acabar meio que em morre
não morre, e eis o fatídico perigo.

Da forma que cada dia urge, caríssima,
tudo vai acabar meio que *tempus fugit*
no espasmo de areia movedíssima.

Do jeito que a coisa anda, criança,
tudo vai acabar meio que numa ciranda
de desconfiar da própria desconfiança.

Da maneira que o mundo treme, irmão,
tudo vai acabar em um dilema sem leme,
e eis que nos olha grande o furacão.

Sou sertão

Paulo Pereira de Almeida

Sou riacho tangendo a correnteza

Sou menino pulando tibungão

Sou açude, barragem, sou represa

Sou o peixe pescado de galão

Sou bonito, sou flor de catingueira

Sou a voz afinada da biqueira

Sou a luta, sou força, sou sertão

Sou o fogo de lenha e de cavaco

Sou engenho, moinho, sou pilão

Sou aquele café feito no caco

Sou a curva do pau de um galão

Sou jurema, sou pé de juazeiro

Sou buchada de bode e de carneiro

Sou cultura, sou crença, sou sertão

Sou o caco de água pra galinha

Sou terreiro varrido, sou oitão

Sou a trempe encostada na cozinha

Sou do ferro de roupa o tição
Sou do pau da aroeira a dureza
Sou da flor bugari sua beleza
Sou grandeza infinita, sou sertão

Braço de mar

Patrícia Almeida

Se estou jangada
Só vou navegar
Me deixe ir sem plano
Meio assim
Louca oceano
Pois não quero
Me encantar pelo mar
O mar é das profundezas
Jangada é da superfície
Não me considero um artífice
Mas gosto da tua maresia
E quero amarrar minha poesia
Nesse teu braço de mar
E a vontade de mergulhar
No profundo das tuas águas
Mas sou jangada
Jangada só navega
Me deixe ir calma
Enquanto lamento a poesia
De não ficar no teu mar

Sala de espera

Juliana Dias

aguardo
e espero:
nada
tudo
um pouquinho
uma amostra
um caminho
uma brecha
um encontro
uma chance
um suspiro
um vazio
uma ligação
um sorriso
um adeus.

aguardo e espero. espero
e aguardo.

não foi dessa vez, Lacan.

Libertação

Jeovánia Pinheiro do Nascimento

O espelho olhou para a mulher que o mirava
E sem pressa lhe fitou a alma
De uma forma tão singela
Que até ela pôde perceber mais do que mostrava o reflexo

Nesse dia
Ela se descobriu mulher
Desvelou sua origem
Soltou seus cabelos crespos
Saiu vestida de black
E nunca mais prendeu a si mesma por medo do olhar do outro

Mais do que palavras

Lune Éden

Vi seus olhos vívidos
morrerem;
não mais transbordam
energia.

Ainda restam escritos
a doerem.
Todos eles abordam
o que enfim surgia.

Tenho medo dos sentimentos
não caberem
onde recordam
alegria.

Quando morrer, quero ficar

Elionai Andrade

Quando morrer

Quero ficar

Pra você ter

O que lembrar

Meu medo deixe

Naquele quarto escuro

Ou quem sabe atrás do muro

Que nos escondeu

Quando parte de mim morreu

Doeu

Na praia deixe

Minhas risadas

E as gargalhadas

Espalhadas num ribeiro

Do meu desespero

Faça uma manta

Misture com a minha dor

E se quer um conselho

Não faça dela cobertor
Em sua mente deixe
O meu sorriso
Mas só faça isto
Se for meu amigo
Te digo
Guarde em seu coração
Todos os tolos versos
Daquela tola canção

Por último
Jogue meus poemas ao vento
Que em determinado momento
Eles voltarão
E como doce brisa sussurrarão
O quanto eu te amo
Ou o quanto eu te odeio
Pois este teu receio
Foi o que me matou
Pois eu te amo e te odeio
Mas que louca sou
Mais uma vez morrer eu vou

Inspirado no poema “Quando eu morrer” de Mário de Andrade.

Sobre as autoras e os autores

Alexandre Magnus A. de Albuquerque

É servidor público (TRE/RN), membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte (SPVA/RN) e da União Brasileira de Escritores – Seção Rio Grande do Norte (UBE/RN). Também é autor das obras *No coração das palavras* (poesia, 2003), *Exílio sem canção* (poesia, 2012) e *Jona* (novela, 2020).

Artur Rodrigues

Potiguar, fã de Belchior e Caetano. Administrador, economista e amante da poesia. Quanto ao resto? Eu não sei, mas vou descobrindo em textos e amores.

Damião Gomes da Silva

Publicou *O Futurista* (novela, 2013); “Natal Daqui e de Alhures” (crônica, Revista da ANRL, n. 41, out./dez./2014); “Mar de Rosas” (conto premiado no Concurso Literário da EDUFRN, 2014); “Coração de Pedra” (conto premiado no Concurso Literário da EDUFRN, 2015); *Coração de Pedra & Outras Histórias* (contos, 2016); “Dançando com Suzana Martinez” (conto, *Revista da Academia ANRL*, n. 53, out./dez./2017). Escreveu ainda o inédito romance *O semeador de palavras avulsas*.

Elionai Andrade

Potiguar nascida e criada em Natal-RN. Técnica em Controle Ambiental e estudante de Gestão Ambiental no IFRN, *campus* Natal-Central. Desde muito nova, mostrou-se inclinada à escrita. As redes sociais são seu principal meio de divulgação e foi por meio delas que teve um de seus poemas exposto na segunda edição do edital “Precisa-se de Arte”. Elionai tenta, por meio de seus textos, transmitir um pouco de si, de sua essência, de suas dores e de suas vivências.

Eluad Vasconcelos

É músico e poeta. Além disso, graduou-se em Gestão de Políticas Públicas, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Fernando Antonio Carneiro de Medeiros

Nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1972. É funcionário público, graduado em Engenharia Civil e Direito, pela UFRN, e em Informática Industrial, pela Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN, atual IFRN). Encantado pela escrita, acredita na poesia como expressão da alma.

Francisco de Castro Pontes Vargas Netto

Estudante de Edificações no IFRN, nascido em São Paulo, habita Natal desde 2009. Não se considera poeta, mas apenas um amante da poesia.

Gliciane Azevedo

Socióloga por formação e, seguindo um dos melhores conselhos, resolveu cursar Letras-Português. Envoltas de produções literárias com certa constância, se arrisca também a produzir. Alimenta o sonho de ser professora, trilhando caminhos que acredita conduzi-la à realização. Natural de Monte Alegre-RN, apaixonada por Natal; portanto, divide a vida nessas cidades.

Hartemys Belo

Potiguar. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, pela UFRN. Educador em escola particular. Integrante do grupo Jovens Franciscanos em Ação (JOFRAC). É militante da Pastoral da Juventude, em atividade missionária pelo Regional Nordeste II da CNBB. Artista das palavras e do corpo, sou @caminhante_ em construção buscando experiências que me façam ser sempre aprendiz.

Jeanne Araújo

É professora, poeta e escritora. Membro da Academia Ceará-mirinense de Letras e Artes (ACLA), também é especialista em Literatura e Ensino. Além disso, Jeanne já publicou os livros: *Monte de Vênus*, *Corpo Vadio* e *Cicuta e Cilício* (poemas); *Cercas de Pedras* (novela), *Combustão* (romance em parceria) e *Na Casa dos Afetos* (crônicas).

Jeovánia Pinheiro do Nascimento

É poeta, escritora, professora e mestre em Filosofia. Seus livros individuais publicados são: *Palavras Poéticas*, *Poeticamente Entre Versos & Bocas*, *A-M-O-R*, *Quem abriu a boca da pedra?*, *Re[s] [x]istência* e, por fim, *Na estrada da poesia*. As coletâneas que organizou foram: *O Livro das Marias*, *O Livro das Marias II*, *Escrituras Negras: A mulher que reluz em mim*, *Escrituras Negras II: As Marcas* e o e-book *Sinergia*.

Juliana Dias

Nascida em 1994, é uma mossoroense acolhida por Natal-RN. Graduada em Nutrição pela UFRN, bailarina e escreve crônicas e poemas. Com interesses costurados entre psicanálise, infâncias, sonhos, filosofia, corpos, linguagem e o feminino, faz uso da palavra enquanto suporte e alimento. Seu primeiro livro de poemas, *Antes de mais nada*, será publicado pela editora Urutau.

Kleiton Cassemiro

Natural de Natal-RN, nascido e criado nas Rocas, é bacharel em Engenharia Civil (2004) e docente do *campus* Natal-Central do IFRN. Possui formação técnica em música pela UFRN e breve passagem pelo curso de Letras – Francês, da mesma instituição. Compositor, instrumentista, francófono e cantor, participou de diversos grupos musicais ao longo dos mais de 20 anos de atuação na cena potiguar. É doutorando do PPGEP/IFRN, pesquisando sobre a formação humana integral na educação profissional.

Lune Éden

Nasceu e morou a vida inteira em Natal-RN. Escreve narrativas desde os doze anos, e não parou desde então. Atualmente, cursa o Ensino Médio Técnico em Multimídia no IFRN, *campus* Cidade-Alta (Rocas), e seus gêneros preferidos, tanto de escrita quanto de leitura, são fantasia e ficção, mas lê de quase tudo um pouco. Acredita que a escrita deveria ser mais valorizada no geral, pois é uma das principais formas de ensinar e transmitir conhecimentos, além de ser revolucionária e bela.

Marcos Antonio Campos

Nasceu em Natal-RN. É formado em Letras, Administração de Empresas e Ciências Contábeis, todos pela UFRN. Membro do IHGRN, da UBE-RN e ATRN. Como escritor e poeta, lançou os livros: *Um bêbado sonhador*, *Babel*, *Absinto*, *Algodão doce* e *Atropelando Papai Noel*, todos pela Caravela Selo Cultural. Possui textos premiados em diversos concursos pelo país afora e está presente em mais de 50 coletâneas, entre as quais as do concursos anteriores da EDUFRN.

Maria da Conceição Custódio Valdivino

Uma aspirante a artista com uma vida simples, compartilha seu tempo livre com o que ama, como seus desenhos, pinturas e poemas. Atualmente mora no município de Senador Elói de Souza-RN. Enquanto aluna do curso de Meio Ambiente do IFRN-SPP,

participou do Clube de Leitura do ano 2021, onde teve a oportunidade de publicar um dos seus poemas no jornal da instituição e em maio do mesmo ano, seu poema “O dia de Francisca” foi selecionado e publicado em uma antologia pela Lura Editorial.

Mariana Segundo Medeiros

É escritora e poetisa desde que se entende por gente. Aos doze anos, publicou o seu primeiro poema num livro de escola e, desde então, nunca mais parou. Gosta muito de escrever poemas e contos existencialistas. Para ela, o ato de escrever vem das profundezas das suas raízes e a constrói enquanto pessoa no mundo.

Markelly Fonseca de Araújo

Cientista, doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo e professora de Geografia no IFMT-Cuiabá (vínculo temporário), colunista em blog pessoal de sua teoria do lugar prático e em poética existencial.

Nair Matias Ferreira Moreira

Natural de Macaíba/RN, é graduada em Letras-Português pela UFRN, cursa o mestrado na UERN e é servidora pública do DETRAN/RN. Foi professora de Português por mais de treze anos na cidade onde nasceu, gosta de escrever crônicas e poesia e pretende se arriscar no universo do romance literário. Também é mãe solo de Talita de dois anos e meio, sua maior fonte de inspiração atual.

Nelson Júnior

Nasceu em Natal/RN. É ator, dramaturgo, poeta, editor gráfico e produtor de eventos.

Patrícia Almeida

Natural de Natal-RN, é poeta, pedagoga e antologista. Idealizadora do Projeto “Palavras que Curam”, que resgata a poesia como instrumento para a transformação humana. Também idealizadora do Projeto “Artistas da Terra”, finalista no edital “Natura Musical”, em 2020. Participa do Projeto “Mulheres Maravilhosas: por mais mulheres escritoras”, promovido pela Academia de Letras em Campos dos Goytacazes, em parceria com o Fórum Social Mundial.

Paulo Pereira de Almeida

Natural de Messias Targino-RN – calcanhars da Serra do Lima, parede e meia com a Paraíba. Reside em Ceará-Mirim-RN, onde trabalha como bancário no Banco do Nordeste. Pai da Marina e do Davi. Teve seus primeiros contatos com a literatura de cordel por meio do baú de versos do seu avô, também influenciado pelas histórias de Trancoso, contadas por seu pai, além das canções de Elizeu Ventania. Membro da Associação dos Poetas e Artistas do Junco e da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins.

Rosângela Trajano

Licenciada e bacharel em Filosofia, mestra em Literatura, poeta, escritora, fotógrafa, diagramadora, artesã e chargista. É editora da revista *Barbante* e pesquisadora do Centro Internacional de Estudos da Poesia Épica (CIMEEP-UFS). Também gosta de ilustrar livros para crianças e fazer gibis. No ano 2000, criou o Projeto “Giges”, que ensina filosofia às crianças das ruas próximas da sua casa. Como artista plástica, gosta de pintar as mais diversas infâncias.

Ruan P. Silva

Residiu na cidade de João Câmara-RN ao longo de toda a sua vida. Possui pós-graduação em História (UFRN), tendo desenvolvido pesquisa sobre sociedades da Antiguidade Próximo-Oriental. Também atua como professor da rede pública estadual de educação do Rio Grande do Norte, na cidade de João Câmara-RN, desde 2016.

Wagner Cortez

Nasceu em 23 de abril de 1988, em Currais Novos-RN, mas reside em Carnaúba dos Dantas-RN. É funcionário público dessa cidade, onde exerceu o cargo de Secretário de Turismo e Cultura (2018). Graduado em Letras – Língua Portuguesa, pela UFRN. Criador do palhaço Mingau, é ator e músico amador. Desde 2006, exercita a “arte de fazer versos”. Publicou *Subjetiva poesia* (2015), *O que é o que é?* (infantil, 2019) e *É sapo ou é boi?* (infantil, 2021). Tem ainda vários cordéis publicados.



Sobre a capa

As capas que compõem a coleção dos livros da terceira edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa, realizado em 2021, são fruto de um processo artístico de colaboração entre a EDUFRN, a Editora IFRN e o artista independente Marcelo Augusto (@masagusto). O ilustrador carioca assina as obras a partir das quais foram construídas as capas dos três títulos: O cálice, De rastros e vidas e outros contos e Esquecimento e outros poemas.

A respeito de sua relação com o universo criativo e de sua participação neste projeto, Marcelo nos conta:

“Acredito que uma das primeiras formas que toda criança encontra para se expressar é a arte. Nesse caso, eu apenas continuei com essa paixão quando adulto. Às vezes próxima, às vezes um pouco distante, mas sempre meu refúgio. O desenho e a ilustração deram formas ao mundo que quero criar, nas cores que me trazem alegria e conforto.”

Os momentos em que ficamos em isolamento trouxeram de volta essa proximidade com a arte, em novos formatos, como as pinturas digitais, me fazendo descobrir e testar novas linguagens e novos mundos que podem e devem ser criados.

Para este projeto, deixo aqui a minha colaboração. Junto com a visão de toda a equipe criativa, tentei trazer um pouco desse prazer que se transforma em imagens, na intenção de provocar o mesmo que minhas referências me provocam desde que me entendo por gente. Agradeço aos envolvidos pela oportunidade.”

No processo de criação do projeto gráfico-editorial das capas, sob responsabilidade do designer Marcos Paulo, as ilustrações produzidas por Marcelo passaram por um processo de desconstrução e reordenamento dos seus elementos, preservando-se as cores e as formas originais. Desse olhar reflexivo, em diálogo com o artista, emergiram novas possibilidades de composição, agregando-se outras nuances, materializadas nas capas dos volumes ora publicados.



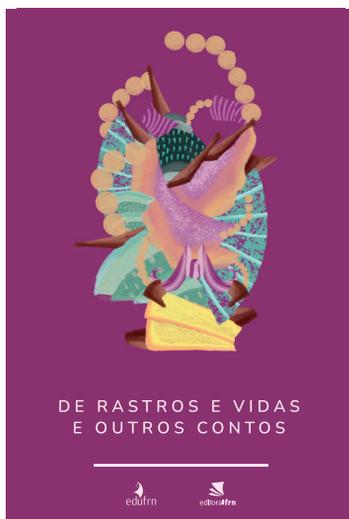
Américo de Oliveira Costa

Macau/RN, 22 de agosto de 1910

Natal/RN, 1º de julho de 1996

Filho de Pedro Vicente da Costa, baiano, e Victória Alves de Oliveira, potiguar. Aos quatro anos, perdeu a mãe. Dois anos depois, o pai. Ficou aos cuidados de Amélia, uma tia materna, casada com Damasceno de Oliveira, juiz na cidade de Mossoró, capital do oeste norte-rio-grandense. Aos 15 anos, já escrevia crônicas nos jornais *O Mossoroense*, *O Festeiro* e *O Riso*. Estudou o ginásio no Colégio Padre Félix, em Recife/PE, e no Colégio Atheneu Norte-rio-grandense, em Natal/RN. Em 1931, regressou à capital pernambucana para estudar na Faculdade de Direito do Recife, vivenciando períodos políticos de grande agitação. Aos 24 anos, tornou-se prefeito da cidade de Bebedouro-PE (atual

Agrestina). Foi ainda Promotor de Justiça em Currais Novos e Mossoró, Chefe de Gabinete do governador Rafael Fernandes (1938-1941) e Secretário-Geral de Estado do RN (1951-1956). Como membro da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, Américo saudou diversas personalidades, entre elas o folclorista Luís da Câmara Cascudo e o maestro Heitor Villa-Lobos. Em 1981, foi condecorado como Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na Faculdade de Direito de Natal, foi professor de Direito Internacional Privado e Direito Internacional Público. Na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, ministrou as disciplinas Cultura Brasileira e Redação de Jornalismo. Publicou os livros *Aurélio Pinheiro: tentativa de estudo crítico e biográfico* (1ª ed., 1950; 2ª ed., 2008), *Viagem ao universo de Câmara Cascudo* (1ª ed., 1969; 2ª ed., 2008), *Seleção de Luís da Câmara Cascudo* (1ª ed., 1972; 2ª ed., 1976), *O comércio das palavras: volume 1* (1989), *O comércio das palavras: volume 2* (1991), *O comércio das palavras: volume 3* (1993), *O comércio das palavras: volume 4* (1994), *A biblioteca e seus habitantes* (1ª ed., 1970; 2ª ed., 1982; 3ª ed., 2011). Ao final desta última, uma das suas obras mais celebradas, Américo registra um precioso e atual conselho do escritor francês Paul Guth (1910-1997) acerca da prática da leitura: “Antigamente era preciso ler para enriquecer a personalidade. Hoje não se trata mais desse refinamento. Trata-se de saber se pretendemos ou não, tornar-nos robôs, acionados por computadores ou permanecer homens. Leiamos, se quisermos continuar homens e mulheres”.



Confira os outros dois títulos da terceira edição do
Concurso Literário Américo de Oliveira Costa

